

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ-UVA
CENTRO DE FILOSOFIA, LETRAS E EDUCAÇÃO (CENFLE)
DISCIPLINA: LITERATURA BRASILEIRA I
CURSO: LETRAS-HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: CRISTIANE
ACADÊMICA: PATRÍCIA ALVES PEREIRA

A EXALTAÇÃO DA LÍNGUA INDÍGENA EM “IRACEMA”

1 INTRODUÇÃO

Com o estudo da obra, foi percebida a singeleza com que o autor José de Alencar apresenta o indígena, exaltando-o, ressaltando sua língua, ambiente e costumes, tudo isso retratado de forma poética. O autor demonstra, o estilo desse índio e sua imagem, de modo encantador, seus pensamentos e força de espírito, crenças misteriosas.

A beleza do nativo é ressaltada como algo puro, forte e natural, sem preconceitos nem exclusão de seus modos e linguagem. A natureza vai revelar o que há de mais belo na nação, com suas matas, bichos e o povo nativo.

Segundo Bosi (2002) p.136, a literatura primitiva ou aborígene, é formada por suas lendas e mitos da terra selvagem e conquistada. E Iracema pertence a essa literatura, cheia de santidade e enlevo.

Para Linhares Filho (2010) p.71a 73, Alencar expressa afetividade ao solo natal, pela exploração de motivos e temas nacionalistas. O autor tem gosto pela comparação e resalta as virtudes da natureza da pátria. Em Iracema, “O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado”, cap.2.

2 A LINGUAGEM INDÍGENA

A linguagem do indígena vai aparecer na obra de forma clássica e poética e não mediante uma versão bárbara e selvagem da língua. Esse fato é bem interessante, porque o autor vê e retrata o índio de dentro para fora, porque não foca apenas o exterior do ser da mata, mas seus sentimentos nobres, heroicos, suas ações ágeis, inteligentes e doces. Observemos nesse trecho do livro:

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha

homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada. Cap.2

O autor nos mostra no trecho anterior, o encontro inesperado de Iracema e Martim, ressaltando a rapidez e a agilidade da “virgem dos lábios de mel”, na maneira como se defende achando que está em perigo.

Encontramos no romance, vários nomes indígenas e muitos deles até hoje são utilizados, apesar de o Brasil ao ser colonizado, ter perdido muito dessa cultura tão bela, que é a do povo que habitava nossas terras. A linguagem do índio será usada para determinar alguns aspectos. Primeiro vejamos a determinação de nomes de pessoas e bichos:

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão. Cap.2

Ará amiga de Iracema, é um grande papagaio da América do Sul, de longa cauda e bela plumagem(arara). Em outra passagem da obra, temos: “— Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.Cap.2”. Notamos bem claro aqui o nome da tribo a qual pertencia Iracema “tabajaras” e o nome do pai da virgem “Araquém”. “A virgem suspirou:— Guerreiro branco, espera que Caubi volte da caça. O irmão de Iracema tem o ouvido sutil que pressente a boicininga entre os rumores da mata; e o olhar do oitibó que vê melhor na treva. Ele te guiará às margens do rio das garças. Cap. 4”. Caubi é uma palavra indígena que define um arbusto, é o nome do irmão de Iracema; a boicininga, é uma cobra venenosa brasileira, cascavel, que significa “cobra que tine”; oitibó que é o nome de uma ave, o mesmo que noitibó, a qual os indígenas acreditam ter grande agouro.

“Chamou então o guerreiro Jatobá e disse: — Filho, toma o tacape da nação pitiguara. Tupã não quer que Batuireté o leve mais à guerra, pois tirou a força de seu corpo, o movimento do seu braço e a luz de seus olhos. Mas Tupã foi bom para ele, pois lhe deu um filho como o guerreiro Jatobá.Cap.22

Jatobá é uma árvore que pode ser utilizada como planta medicinal e é o nome de um guerreiro indígena; pitiguara designa outra tribo; Batuireté era o nome do avô de Poti, maior chefe; Tupã, que não era exatamente um deus, mas sim uma manifestação de um deus na forma do som do trovão.

O autor consegue associar a mudança dos fenômenos da natureza, como forma de demonstrar a passagem do tempo e entendermos em que horário ocorre o acontecimento dos fatos:

Quando o Sol descambava sobre a crista dos montes, e a rola desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, eles descobriram no vale a grande taba; e mais longe, pendurada no rochedo, à sombra dos altos juazeiros, a cabana do pajé. O ancião fumava à porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã. O tênue sopro da brisa carneava, como frocos de algodão, os compridos e raros cabelos brancos. Cap.3

A seguir poderemos ver em mais algumas passagens, a linguagem indígena representando a passagem do tempo: “— Foi algum mau espírito da floresta que cegou o guerreiro branco no escuro da mata, respondeu o ancião. A cauã piou, além, na extrema do vale. Caía a noite. Cap.3”. “Era o tempo em que o doce aracati chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo árido sertão. A planta respira; um doce arrepio erriça a verde coma da floresta. Cap.6”

O autor vai nos mostrar a maneira como o povo indígena contava os dias e as noites:

A Lua cresceu. Três sóis havia que Martim e Iracema estavam nas terras dos pitiguaras, senhores das margens do Camucim e Acaraú. Os estrangeiros tinham sua rede na vasta cabana do grande Jacaúna. O valente chefe guardou para si a alegria de hospedar o guerreiro branco. Poti abandonou sua taba para acompanhar seu irmão de guerra na cabana de seu irmão de sangue, e gozar dos instantes que sobejavam do amor de Iracema para a amizade, no coração do guerreiro do mar. Cap.20

É interessante ressaltar essa cultura, porque muitos povos das regiões que ficam no interior do Brasil, ainda conseguem se guiar pelo sol e a lua e saber que horas são pelos mesmos, esses hábitos, herdados pelos nossos antigos povos, são de grande riqueza para o povo brasileiro e o autor deixa evidente na obra: “Já descia o Sol das alturas do céu. Chegam os viajantes à foz do rio onde se criam em grande abundância as saborosas traíras; suas praias são povoadas pela tribo dos pescadores, da grande nação dos pitiguaras. Cap.21”

Muitas dessas palavras são usadas atualmente, por exemplo, Tupã, que é um município brasileiro situado no interior do estado de São Paulo; Camocim, também é um município situado no interior do Ceará. E várias outras palavras indígenas, que usamos para designar pessoas, coisas e lugares.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA CEARENCE DE LETRAS. José de Alencar e Euclides da Cunha./Academia Cearence de Letras; Regina Pomplona Fiúza; Linhares Filho. Fortaleza: Expressão Gráfica. Editora, 2010.

ALENCAR, José de. "Iracema". In ALENCAR, José de. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959a, vol. III.

BOSI, Alfredo(1994). História concisa da literatura brasileira. Editora: Pensamento-Cultrix LTDA. São Paulo. Edição 40. Ano 2002.